



1769 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

Conteúdo e Forma Escolar na Perspectiva dos Jovens  
Sandra Luciana Dalmagro - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Não tem

#### Resumo

O artigo discute o conteúdo e a forma da escola na atualidade, considerando os sentidos atribuídos pelos jovens. A pesquisa de campo se realizou em três escolas portuguesas: uma de localização periférica, outra voltada a setores sociais elitizados e uma terceira com métodos inovadores. Realizamos observações nas classes e grupos focais com estudantes. O suporte teórico advém de Enguita (1989) e Vicent, Lahire e Thin (2001). As escolas de modo geral, mostraram-se bastante distantes dos jovens sendo alvos de duras críticas por estes. A relação dos jovens com a escola é preocupante, mas na escola de periferia ainda mais, pois no limite possui um sentido assistencial. A escola voltada às elites, mostrou-se ainda mais enrijecida, sofrendo grande rejeição. Aquela com proposta pedagógica inovadora se diferencia, por seus objetivos e público, construindo um ambiente educativo fecundo. Concluímos que a escola precisa ser transformada radicalmente para estar em sintonia com a juventude e os desafios sociais, mas o conjunto social igualmente precisa ser revolucionado pois, no limite, é este que modula o conteúdo, a forma e os sentidos que os sujeitos imprimem à escola.

Palavras-chave: Conteúdo e Forma escolar; Juventude; Teoria e Prática; Trabalho.

### Conteúdo e forma escolar na perspectiva dos jovens

#### Resumo

O artigo discute o conteúdo e a forma da escola na atualidade, considerando os sentidos atribuídos por estudantes. A pesquisa de campo se realizou em três escolas portuguesas: uma de localização periférica, outra voltada a setores sociais elitizados e uma terceira com métodos inovadores. Realizamos observações nas classes e grupos focais com estudantes. O suporte teórico advém sobretudo de Enguita (1989) e Vicent, Lahire e Thin (2001). As escolas de modo geral, mostraram-se bastante distantes dos jovens sendo alvos de duras críticas por estes. A relação dos jovens com a escola é preocupante, mas na escola de periferia ainda mais, pois os jovens não estão sendo preparados para serem sujeitos de suas vidas, resultando num sentido assistencial. A escola voltada às elites, mostrou-se ainda mais enrijecida, sofrendo grande rejeição. Aquela com proposta pedagógica inovadora se diferencia, por seus objetivos e público, construindo um ambiente educativo agradável e fecundo. Concluímos que a escola precisa ser transformada radicalmente para estar em sintonia com a juventude e os desafios da sociedade atual, mas o conjunto social igualmente precisa ser revolucionado pois, no limite, é este que modula o conteúdo, a forma e os sentidos que os sujeitos imprimem à escola.

Palavras-chave: Conteúdo e Forma escolar; Juventude; Teoria e Prática; Trabalho.

#### Introdução

Este artigo é resultado de pesquisa pós-doutoral realizada no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa no ano de 2017, a qual teve por objetivo investigar conteúdo e forma escolar e as possibilidades de sua transformação, considerando as mudanças no mundo do trabalho e as experiências escolares inovadoras.

A pesquisa consistiu de estudos bibliográficos acerca da forma escolar em autores como Enguita (1989), Vicent, Lahire e Thin (2001), Pistrak (2000) e Shulgin (2013). Foi realizada ainda pesquisa de campo em três escolas da grande Lisboa, duas públicas, uma delas direcionada a estudantes pobres e de regiões urbanas periféricas e outra de localização central e perfil elitizado. Por fim, uma terceira escola, privada e marcada por metodologias inovadoras.

Neste texto nos detemos a debater o conteúdo e forma da escola em relação aos sentidos atribuídos pelos estudantes das três escolas pesquisadas. Realizamos observações em cinco classes de alunos, uma de 6º ano, duas de 7º ano, uma de 8º ano e uma turma de 9º ano. Em cada classe realizamos observação de todas as atividades da turma por um período mínimo de três dias integrais. Em cada turma foi realizado um grupo focal com os estudantes, a partir de roteiro de questões previamente estabelecido.

O artigo encontra-se organizado em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro momento apresentamos alguns elementos para localizar o debate teórico acerca do conteúdo e forma escolar e, na segunda parte, situamos as escolas pesquisadas e trazemos presente a fala dos jovens acerca de suas relações com a escola. Por fim, nas considerações finais rearticulamos o debate teórico com os sentidos atribuídos pelos jovens à escola, assinalando que outro conteúdo e forma escolar são possíveis e necessários.

#### Conteúdo e Forma Escolar: introdução ao debate

A noção corrente de conteúdo escolar está relacionada com os conhecimentos veiculados pela escola, em geral organizados em matérias ou disciplinas, referindo-se, portanto, à instrução e à cognição. Partimos do entendimento de que esta dimensão compõe o conteúdo da escola, mas a ela não se restringe. Em sentido alargado o conteúdo da escola se refere ao sentido, o porque ou para quê da existência da escola, o seu significado efetivo considerando a totalidade das relações que incorpora ou expressa. Podemos dizer que o conteúdo da escola, neste

sentido alargado, se refere à sua função ou sentido social, sendo este o entendimento por nós assumido. Isto não pretende diminuir a importância que a escola tem ou que gostaríamos que tivesse como espaço de socialização do conhecimento acumulado. Salientamos que a escola não somente transmite conhecimentos e cultura elaborados e nem o faz exclusivamente pela via da cognição. O conteúdo da escola incorpora e extrapola a socialização ou transmissão do saber.

O ser da escola condensa conteúdo e forma cuja atualidade é desdobramento do que já foi, ao mesmo tempo em que apresenta novas características, demandadas pelas mudanças na vida social. Pensamos que a educação e a escola não se desconectam do todo social (FIGUEIRA, 1985), apesar de suas relações nem sempre se darem de modo direto e muito menos linear. Podemos, portanto, entender que a escola tem por função contribuir para a inserção social. Porém, está não é um todo homogêneo ou harmônico. É uma sociedade dividida em classes e grupos; a inserção social para a maioria, ocorre como classe trabalhadora, dominada e explorada. A escola distribui o conhecimento e promove a inserção social de acordo com as classes sociais e em acordo com as inúmeras hierarquias existentes socialmente. Sua função é simultaneamente a inclusão e a exclusão, a participação e a subordinação, ou seja, inserção e participação como trabalhadores, em suas diversas formas, como trabalhador explorado, consumidor e cuja participação ocorre nos estreitos limites da cidadania burguesa. Inserção subordinada da classe dominada no conjunto social.

Em síntese, podemos dizer que a escola esta atravessada por um conteúdo que possui uma dimensão instrucional, que a grosso modo consiste em socializar os rudimentos da ciência e da cultura, articulada à uma dimensão ético-político ou socialização nos valores e na moral burguesa. O conteúdo burguês da escola é o mesmo para capitalistas e trabalhadores, pois ambos vivem na mesma sociedade, ainda que em polos opostos, sofrendo por isso importantes mudanças a depender do público a que se destina. Para as elites o conteúdo instrucional tende a se encontrar mais estruturado, articulado e aprofundado, para os trabalhadores, tanto mais caótico e fragmentado quanto pior a condição econômica e social. Os valores e a moral burguesa igualmente precisam ser compartilhados para ambas as classes sociais, mas para os trabalhadores esta moral é mais restrita, enfatizando a obediência, a persistência, os deveres, enquanto para parte dos filhos das elites adquire um cunho mais aberto, priorizando a criação, a interpretação e o debate de ideias, como se depreende da leitura de Enguita (1989).

A realização ou se quiser a socialização deste conteúdo escolar pressupõe uma forma, realiza-se por meio de uma forma, que por sua vez não é indiferente em relação ao conteúdo, ou seja são dimensões interdependentes. Costuma-se dizer que “a forma forma”, portanto está impregnada de conteúdo, possui conteúdo.

Para Manacorda (2000) e Rugiu (1998), a forma educativa predominante da Idade Média, era o aprender pela prática, “aprender a fazer fazendo”, diretamente no trabalho, na atividade. Já a forma escolar, generalizada sob a forma de produção capitalista, marca uma ruptura com a aprendizagem artesanal. A escola passa a ser o lugar de aprender conteúdos gerais, abstratos. O que Vincent, Lahire e Thin (2001) denominam forma escolar, consiste exatamente na separação entre o aprender e o fazer, entre teoria e prática, forma esta que se generaliza para além da escola, tornando-se característica dominante da socialização moderna<sup>[1]</sup>. Essa forma escolar encontra sua melhor expressão no método da pedagogia tradicional, assentado na exposição do professor - portanto na verbalização - de conteúdos gerais e abstratos que necessitam ser assimilados pelo estudante, utilizando sobretudo a questionada repetição/memorização. Para Enguita (1989), porém, sob a aparência de que a escola ensina apenas por meio de ideias, da verbalização, há uma “face oculta”: mais do que conteúdos a escola ensina relações sociais, posição corroborada por Shulgin (2013), para quem “a escola é uma relação”. Nesta linha, Freitas (2014) sugere que são objetivos da escola burguesa, em sintonia com a sociedade capitalista, a exclusão e a subordinação.

Para Enguita (1989), as relações sociais presentes na educação guardam um isomorfismo com as relações sociais de produção. Educação e escola ensinam “relações sociais de produção” (1989, p. 107), uma vez que a escola é espaço onde se vivem relações sociais e não onde estas seriam apenas transmitidas verbalmente. Nas palavras do autor, a escola

É cenário de uma trama de relações sociais materiais e organizam a experiência cotidiana e pessoal do aluno com a mesma força ou mais do que as relações sociais de produção o fazem com a experiência do operário na fábrica ou do pequeno produtor no mercado (1989, p. 137).

Deste modo o autor vai desenhando uma “face oculta da escola”, onde mais do que conteúdos das artes ou ciências, a escola ensina relações sociais. A equação “mundo da produção e mundo da educação” se explica mais pelas similitudes das relações que encarnam do que pelo conteúdo das matérias escolares. Esta ideia de trabalho é formulada claramente na obra *A Face Oculta da Escola*, onde se afirma:

O que aqui postulamos não é que a necessidade de impor as relações sociais de produção capitalistas seja a causa que explica por si mesma a escolarização de massas, mas que o ajuste da escola à produção, tensão a que aquele se vê permanentemente submetida, não se coloca – qualquer que seja o discurso que a encubra – em termos de habilidades, destrezas e qualificações do trabalho – que desempenham, no entanto, um papel relevante -, mas fundamentalmente em termos de isomorfismo das relações sociais numa e noutra (ENGUITA, 1993, p. 227).

Enguita estabelece um conjunto de características que revelam o isomorfismo entre a forma escolar e as relações sociais de produção burguesas, tais como a submissão e passividade dos estudantes, a imposição das regras e hierarquização entre as pessoas, o ensino simultâneo e grupos fixos, o controle rigoroso do tempo e dos espaços, a separação teoria e prática, o ensino verbalista e escolástico, a redução do trabalho escolar a trabalho abstrato, dentre outros aspectos essenciais para compreender a escola e que aqui não poderemos desenvolver. Cabe porém assinalar que os estudantes, a seu modo, revelam o questionamento à forma escolar, cujos aspectos foram teorizados por Enguita.

A forma e o conteúdo da escola tal como definidos por Enguita (1989 e 1993) são refinados pela crescente conversão da educação em mercadoria. Forma e conteúdo escolar sofrem um maior engessamento e controle decorrentes da mercantilização do ensino. Vivemos sob novas variantes do tecnicismo educacional (SAVIANI, 2008; FREITAS, 2014a). Nossas pesquisas apontam que, neste contexto, o trabalho pedagógico é ainda mais padronizado, sua aparente variedade consiste em diferentes produtos de uma mesma lógica, corresponde aos diferentes postos sociais. Para as massas populacionais, entrega-se um pacote educativo onde destaca-se a padronização do conteúdo e forma, o controle por meio da avaliação permanente, o enfraquecimento de conhecimentos necessários para o entendimento do real, o estreitamento da forma escolar, a minimização dos custos, o pragmatismo na perspectiva. O empresariamento da educação leva à manutenção e recrudescimento da forma escolar por necessidades econômicas e ideológicas, isto é, ligadas aos custos educativos da mercadoria força de trabalho, reduzir os custos da educação e o controlar o perfil formativo esperado, por meio do controle do conteúdo ensinado.

Diante destes determinantes, o cotidiano nas escolas revelado por nossas observações nas turmas, vai ficando cada vez mais esterilizado e insuportável. A pesquisa de campo, abaixo descrita evidencia que a escola vai virando escolástica (FIGUEIRA, 1985), isto é, vai ensinando menos, se nivelando ao mundo exterior, pautada e reproduzindo um cotidiano raso. Desta forma, a escola fica menos significativa para os estudantes, lentamente borrando a marca distintiva que faz na vida do sujeito. A escola vai perdendo seu sentido, pois iguala-se à empresa ao reproduzir o cotidiano alienado, o pragmatismo, convertendo o ser humano em objeto ao invés de sujeito.

A pesquisa foi desenvolvida em três escolas de Lisboa e entorno, uma voltada à população de periferia, outra à educação de elites e uma terceira escola de perfil alternativo e inovador. A pesquisa de campo nos dois primeiros casos evidencia que os jovens mal suportam a escola nos moldes convencionais. Eles denunciam que não tem voz, os preconceitos que sofrem, não percebem sentido em boa parte do que aprendem ou que os métodos usuais nas escolas não contribuem para despertar interesse pelo conhecimento. A postura e fala indicam que a

escola é, para muitos estudantes, espaço para se alimentar, expressar sua revolta, buscar acolhimento e afeto e sobretudo, manter a esperança de um futuro melhor. Bem diferente é a situação dos jovens no terceiro tipo escolar.

### **As escolas pesquisadas e o que dizem os estudantes**

Das três escolas pesquisadas cada uma possui um perfil distinto. A Escola 1 é uma escola pública, voltada à população periférica e localiza-se em município da grande Lisboa, local de residência de famílias com baixa renda, onde a violência e as drogas são mais evidentes. A escola se pretende inclusiva, sobretudo por receber populações marginalizadas e buscar acolhe-las.

Na Escola 1 há três tipos de turmas ou currículo, as regulares, as de Plano Curricular Alternativo (PCA) e a de Currículo Vocacional (CV). As turmas de PCA possuem o mesmo currículo das regulares, mas são destinadas aos estudantes com dificuldades de aprendizagem e/ou indisciplina, e que, devido a não terem um desempenho e acompanhamento razoável nas turmas regulares, são destinados às turmas de PCA nas quais, na prática, a avaliação é flexibilizada e os conteúdos são ensinados sem muito aprofundamento. Nesta escola há apenas uma turma de CV, no 9º ano. Essa turma também é voltada aos estudantes com maiores dificuldades com o propósito de introduzir temas ligados ao mundo do trabalho, atraindo assim estudantes com mais idade e menor adequação à escola.

O trabalho dos pais ou responsáveis se diferencia bastante entre a turma regular e as de currículo alternativo. Na primeira os pais trabalham como professores, psicólogos, autônomos, na maior parte tendo frequentado curso superior. Nas turmas de currículo alternativo destaca-se o trabalho manual, mal remunerado, sendo frequente a presença de pais presos ou envolvidos em drogas. A vida que se leva fora da escola se reflete dentro da escola, na trajetória dos estudantes, evidenciando que grande parte dos problemas “de aprendizagem” são antes problemas sociais mais amplos, ligados à renda, ao trabalho e às condições de vida como um todo.

As duas turmas de currículo alternativo expressam com maior evidência o caráter da exclusão internalizada na escola, a busca por compensar as mazelas sociais via educação, voltando-as ao mundo do trabalho ou à permanência do estudante na escola mediante a flexibilização dos conteúdos e avaliação. Destaca-se o acolhimento e acompanhamento que a escola faz nos casos mais críticos, além de adaptações curriculares, avaliativas, etc, tendo em vista a permanência dos setores marginalizados na escola e sua inserção social como trabalhadores, evidentemente como trabalhadores precarizados.

Nossas observações na Escola 1 não deixam dúvida em afirmar que, na prática, os dois currículos (PCA e CV) destinam-se aos alunos com maiores dificuldades sociais, emocionais e de aprendizado, consistindo em um currículo empobrecido, flexibilizado, tendo por principal objetivo manter o aluno na escola, independentemente de suas efetivas aprendizagens. Trata-se de um claro exemplo da dualidade escolar inerente à dualidade social mais ampla ou do que Kuenzer (2007) chamou de inclusão excludente.

Em nossa avaliação, a escola é colocada numa situação limite onde a segregação e a exclusão é o destino final independente do caminho que adote. Se não faz a separação entre os alunos, não favorece à aprendizagem dos que apresentam situação mais favorável e acaba por aumentar as chances de reprovação e evasão daqueles em situação mais difícil, pois terá maior exigência de conteúdo e de disciplina. Ao separá-los, a escola consegue os manter por mais tempo, mas acaba por segregá-los em turmas onde os problemas disciplinares e de conhecimentos são potencializados. Os alunos permanecem mais tempo na escola, passam de ano e podem mesmo concluir o 3º ciclo<sup>[2]</sup>, mas isto não os coloca em condições de igualdade em relação aos que concluíram o 3º ciclo nas turmas regulares. Entendemos que a permanência destes estudantes na escola e a conclusão dos ciclos básicos de estudo, é funcional ao sistema social capitalista, pois forma para o trabalho precário ao mesmo tempo em que permite amenizar os problemas sociais, controlando parcialmente sua explosão.

No conjunto da Escola 1, destaca-se o ensino centrado em sala de aula e um grande esforço docente para desenvolver as aulas, sobretudo nas duas turmas de currículo alternativo. Nestas, há ausência de ambiente de aprendizagem, a autonomia e iniciativa estudantil é quase inexistente, o barulho é constante e há enorme defasagem de aprendizado. São significativas as duas falas de estudante que expressam a relação com a escola, a condição social e seu horizonte futuro:

“A escola é chata e podre”. (Aluno, 7º ano).

“O que eu quero ser quando eu crescer? Eu quero ser o rei dos ladrões”. (Aluno, 7º ano).

Já uma na terceira turma desta mesma escola, denominada regular, encontram-se os estudantes mais adaptados socialmente e à escola. Nesta, o nível de conhecimentos é visivelmente superior, e há um ambiente mais controlado. Porém o enfado dos estudantes também é presente. Esta turma conseguiu expressar no grupo focal fortes críticas à escola. Mesmo sendo a turma mais adaptada, é a que mais questionou a estrutura escolar, o que atribuímos à capacidade da mesma em ler o mundo, o que se liga à sua condição econômica e cultural, privilegiada em relação às demais. Vejamos alguns depoimentos dos estudantes desta turma:

Eu acho que nós estamos muito fechados na sala de aula enquanto no mundo, ou lá fora da sala de aula, podíamos aprender muito mais... Há tanta coisa lá fora e nós só estamos a olhar pra um quadro e uma pessoa a explicar, enquanto nos poderiam levar a estes sítios [lugares] pra nós aprendermos (Aluna, 7º ano).

Na escola estão a nos mostrar que no mundo há demasiado sentido de hierarquização, porque, por exemplo, se um aluno queira falar que está descontente com alguma coisa não vai ser ouvido, mesmo que seja uma turma inteira a falar (Aluno, 7º ano).

Em história aprendemos mais o que do que o porquê (Aluno, 7º ano).

O que mudaria no mundo? O mundo! (Aluna, 7º ano).

Já a Escola 2, também pública, por sua história, localização, estrutura física e proposta pedagógica se destina à formação dos extratos superiores na hierarquia social. A continuidade dos estudos é a síntese de seu trabalho, daí o foco no conteúdo, nos testes e nas avaliações externas. O quadro docente estável e com vários anos de casa, assume na sua maioria os traços essenciais da pedagogia tradicional. A turma pesquisada de 8º ano não reflete a média das demais, na medida em que concentra os estudantes com maiores dificuldades escolares. Neste sentido a turma sente maior dificuldade de adaptação ao método da escola e apresenta a este maior resistência. Pensamos que nesta turma encontram-se potencializados os problemas que nas demais turmas se fazem presentes e cuja tendência, de modo geral na escola é aumentar, segundo indicações fornecidas por alguns docentes. Os estudantes revelaram grande descontentamento com a escola, particularmente com a falta de voz e o método de ensino.

A Escola 2 desde os tempos do Liceu é voltada ao prosseguimento dos estudos, com alto nível de exigência quanto aos conteúdos e à disciplina. A preparação para o ingresso no Ensino Superior é atribuída como principal marca da escola e seu ponto alto, assim como o definidor de sua proposta pedagógica, conforme informações prestadas.

O método tradicional ou clássico é o adotado e este conjunto assegura à escola sua condição elitizada. Há grande preocupação com o volume de conteúdos e em atender toda a extensão dos programas. A pressão dos exames externos, aos quais a escola presta bastante atenção,

reforçam esta perspectiva. Estas questões estão expressas no depoimento de um docente:

Nós professores não temos muito autonomia, os programas são fechados, nos limitam e tem conteúdos complexos que eu enquanto docente também sou capaz de interrogar porque transmitir isto, qual será o interesse efetivo nisto? Mas é fato que em disciplinas que tem uma avaliação externa, isto é, nacional, nós temos mesmo que cumprir aquilo, temos prazos, *times* (Professor C).

Soma-se ainda nesta direção, a tradição da escola e o perfil dos professores, os quais, segundo o diretor, mantêm-se no seu "terreno seguro", que "comporta menos riscos". De fato observamos parte do quadro docente do 8º ano com perfil bastante tradicional, distante dos estudantes, sem metodologias dialógicas, centrado no conteúdo o qual é abstraído de situações reais, e ainda alguma rispidez. Segundo os estudantes em depoimentos no grupo focal, alguns professores "passam tudo a correr" e só "mandam copiar".

Os professores querem mesmo é despachar a matéria, não há tempo para nada. Quem aprendeu, aprendeu, quem não aprendeu que vá se lixar. Ao invés do professor tirar um bocadinho de tempo pra explicar, não! Ele passa tudo a correr, e depois vamos mal nas notas. Quando alguém diz que tem uma dúvida, ele diz "não temos tempo, não temos tempo" (Aluno, 8º ano).

A estrutura física corresponde a esta elitização. O imponente centenário edifício central é constituído por amplas salas, com mobília antiga e amplas janelas. A biblioteca da escola é grande e acolhedora, possui uma enorme variedade de títulos e livros clássicos. As salas de aulas contrastam o antigo prédio de teto alto e janelas amplas, com a mobília moderna. A escola possui ainda quatro grandes laboratórios, dois de química e física e dois de ciências e biologia.

A classe é organizada em carteiras individuais e enfileiradas e esta lógica não sofreu alteração no período pesquisado. Os alunos têm seu lugar na classe delimitado previamente, o chamado espelho de classe. A rotina escolar do 8º ano desenvolve-se basicamente em sala de aula. No início dos trabalhos os professores colocam no quadro a lição, seu número e página, conforme o livro ou manual adotado. O conteúdo das diferentes matérias foi exposto, no período observado, por meio da oralidade, projeção por data show, escrita no quadro ou leitura do manual didático. Inclusive duas aulas que ocorreram no espaço do laboratório o mesmo não foi usado enquanto tal. Os professores afirmaram que nesta turma não é possível desenvolver aulas com os equipamentos dos laboratórios pois a turma é muito indisciplinada. Já os alunos afirmaram que desejam aulas práticas e nos laboratórios, tornando as aulas mais interativas. As aulas seguem, portanto, predominantemente o modelo expositivo, centrado no professor. Este controla a palavra e reclama frequentemente para si a centralização ou coordenação dos trabalhos. Não presenciamos nenhum trabalho em grupo.

A maior parte dos professores exerce uma disciplina rígida, senão autoritária. Parte deles inclina-se para exigir silêncio e atenção absolutos por parte dos alunos; como contraponto, observamos muita dispersão na turma, indisposição, reclamação e mesmo muita conversa paralela e alguma bagunça. Neste contexto é frequente que os professores chamem atenção, alguns se exaltam e há muita expressão facial de repressão e indignação ("cara feia") dos professores. Uma das professoras aparentava grande descontrolo pois gritava muitas vezes durante a aula, gerando um ambiente tenso. Passada a histeria, porém, os alunos voltavam a ignorar a professora e sua explanação. Durante o grupo focal os alunos dizem que "esta aula é um caos" e que "se a professora não gritasse tanto os alunos seriam mais calmos". Em outras aulas também pude observar que professores falam de modo grosseiro com os alunos, mas quando estão a expor o conteúdo seu tom de voz é ameno e cuidadoso.

É visível que os alunos mal suportam boa parte das aulas. Enquanto os professores explanam à frente, parte da turma distrai-se com desenhos, celulares e conversas. Os estudantes solicitam frequentes autorizações para sair da sala para beber água ou ir ao banheiro. Até mesmo para jogar algo no lixo os alunos pedem autorização, mas esta atitude revela mais a tentativa de distrair-se e ao mesmo demonstrar respeito às regras. É frequente a exposição do conteúdo ser interrompida diversas vezes pelos mais diferentes fatores. Com alguma frequência os celulares são confiscados pelos professores e devolvidos ao final da aula. Para falar precisam levantar a mão, o que nem sempre funciona. Não há exercício de autonomia pelos estudantes ou a perspectiva de construí-la.

Diante das atitudes indisciplinadas dos alunos as ameaças dos professores são constantes. Alguns professores passam na carteira de cada aluno para verificar se a atividade orientada está sendo realizada. Mas o professor vira as costas e o aluno se transforma. A burla é permanente e a irritação do professor uma constante. Os alunos burlam o que para eles não tem sentido, prazer, ou cujas regras e dinâmica de funcionamento, no caso as da escola, não concordam. Os professores irritam-se pois não tem diante de si uma classe que os queira ouvir, que se comporte como eles pensam que deveria ser. Nesta escola, professores e alunos aparecem como incompatíveis, como tendo interesses opostos. A falta de diálogo efetivo é evidente. Nossas observações permitem afirmar que os jovens sentem repulsa das aulas e dos professores.

Possivelmente percebendo este formalismo e impessoalidade nas relações, um professor entrevistado assim se expressa. "Esquecemos que os professores são seres humanos e tem seus sentimentos. A idade vai nos ensinando a ser mais tolerantes, não por demasiada seriedade em tudo. Mesmo ao tratar de temas sérios podemos fazer de um modo mais leve. Ser capaz de brincar consigo mesmo. Nesta situação os alunos aderem mais facilmente" (Professor C).

O tema da avaliação, e, mais precisamente dos testes e exames externos é recorrente. Tais provas exercem efeito de padronização dos currículos e das formas de ensino, conforme Freitas (2014). Isto se reflete no cotidiano escolar, possivelmente potencializado pela proposta e dinâmica desta escola. As avaliações são recorrentes. O assunto é preocupação constante dos estudantes. Vejo eles estudando durante a aula de Português para a prova de História que se daria na aula a seguir. Nesta ocasião um aluno me diz que precisa decorar pois pode cair "uma palavra", indicado a exigência de exatidão ou cópia. No grupo focal os estudantes reclamaram que os professores passam a matéria e depois dão fichas para estudar em casa, mas sentem falta de mais apoio, materiais para estudo, poder dialogar, discutir as dúvidas. Segundo a fala dos estudantes durante o grupo focal, os professores dizem: "aqui estão as páginas e agora desenrosquem-se". Mas complementam "o que decoramos, passou um dia ou dois e já esquecemos, só estudamos pros testes".

Tais questões são expressas nas falas dos estudantes:

A Escola é morte! (Aluno, 8º ano).

A escola é demasiada branca (Aluno, 8º ano).

Estamos trançados numa prisão e não podemos fazer nada (Aluno, 8º ano).

Os professores querem mesmo é despachar a matéria, não há tempo para nada. Quem aprendeu, aprendeu, quem não aprendeu que vá se lixar (Aluna, 8º ano).

A escola podia fazer nos sentir mais integrados (Aluna, 8º ano).

A nossa opinião parece que não conta. Eu acho que as pessoas deviam ouvir um bocado os alunos. As pessoas esquecem que nós estamos em crescimento, precisamos de falar, falar... (Aluna, 8º ano).

A Escola 3 é uma escola privada e funciona como uma cooperativa de educadores. A escola foi fundada em 1970 no contexto do Movimento

da Escola Moderna em Portugal, porém assumindo maior ecletismo. Segundo Pintassilgo (2017) as principais influências da Escola se encontram em Antônio Sérgio, John Dewey, Célestin Freinet, João dos Santos, Henri Wallon, Matthew Lipman e o casal Papy, com programa de matemática moderna para escolas.

Segundo o diretor da Escola, em entrevista, esta tinha por ideal de partida a organização cooperativa da sala de aula. Cerca de quatro anos depois o colégio se converte em uma cooperativa porque "entendia-se que não era legítimo pedir às crianças que trabalhem cooperativamente se os adultos que estão aqui a servirem de modelo não o fizerem também".

A escola está localizada em um bairro elitizado, de ruas arborizadas e vista para o Rio Tejo. A escola oferta Educação Infantil a partir dos 3 anos e o 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, portanto até o 6º ano. A pesquisa foi realizada com a turma do 6º ano [3], ressaltando-se que nesta escola era a turma mais velha e que, portanto, melhor conhecia a metodologia da escola. O 6º ano esta composto por 28 alunos, mas a turma divide-se em Turma A e B, com 14 alunos cada, para a maior parte das aulas, mas também pode juntar-se a depender da atividade a ser desenvolvida.

A Escola 3 funciona em duas antigas grandes casas, adaptadas à condição de escola, fugindo aos padrões arquitetônicos convencionais escolares. Conta ainda com área verde e jardim em meio aos quais há um pequeno parque e um amplo espaço livre para as crianças brincarem. A escola de modo geral é bonita, assim como as salas de aulas e outros espaços. As salas dispõem de carteiras e cadeiras coloridas e para uso em duplas e em tamanho anatômico às crianças. Observamos que a disposição das carteiras na classe é bastante variada a depender da atividade realizada, mas o formato de grande mesa, círculo ou pequenos grupos/estações é frequente. A estrutura física conta com espaço de secretaria e sala de reuniões, cozinha e refeitório, sala de artes, biblioteca, entre outros espaços onde encontram-se fixados quadros e outras obras e também trabalhos dos estudantes. Nas salas de aula e refeitórios há amplas janelas ou portas de vidros que além de permitir a entrada da luz, deixam o espaço interno em maior comunicação com a área verde, oferecendo sensação de amplitude e liberdade.

Seu método está assentado na cooperação, diálogo e numa perspectiva mais integrada de conhecimento. Destaca-se também a realização pelas crianças de pequenos trabalhos na escola. As observações realizadas indicam a superação do ensino exclusivamente verbalista e simultâneo. O processo de ensino aprendizagem desenvolve-se num ambiente agradável, as crianças demonstram grande participação e interesse e busca articular o conhecimento a situações reais. A escola utiliza de diversas dinâmicas e metodologias e realiza frequentemente visitas de estudo. Também foram observadas mudanças no currículo escolar e a busca pela interdisciplinaridade. Estas questões são expressas nos depoimentos das crianças.

Cada um faz a sua parte, há pessoas que limpam a sala, outros a casa de banho e os corredores, isto é organização comunitária, cooperação. Nós estamos divididos em vários grupos (Aluno, 6º ano).

Até pode ser uma seca [chatice] termos que limpar a casa de banho, mas temos que nos habituar (Aluno, 6º ano).

Esta escola é diferente das outras.... é uma escola única e especial (Aluna, 6º ano).

Esta escola tem métodos de aprendizagem completamente diferente das outras onde eu andei..... trabalhos em grupo, eu gosto bastante disso, nas outras escolas eram bastante individualistas (Aluna, 6º ano).

Nesta escola podemos sugerir regras. Construímos as regras coletivamente (Aluno, 6º ano).

Nesta escola é mais fácil de aprender porque tu não sentes que estas a aprender... tu estas numa sala, estas a brincar e a aprender.... depois tu chegas em casa e diz, olha, eu aprendi isto hoje (Aluna, 6º ano).

Eu falo com meus amigos e eles dizem que tem 40 alunos na turma e eu digo que na minha tem 14! (Aluna, 6º ano).

O que esta escola nos dá é tempo pra nós, mais tempo de intervalo e isto também serve pra repor as ideias, descansar a cabeça. E acho que aprendemos mais porque o cérebro descansa e quando o cérebro descansa estamos mais disponíveis pra aprender outras coisas (Aluno, 6º ano).

### Considerações finais

À exceção da escola alternativa, que se propõe a rever seu conteúdo e forma, a pesquisa nos permite concluir que os jovens não gostam da escola, em particular da redução do ensino às aulas expositivas. A pesquisa revela que a escola está afastada dos jovens e estes desenvolvem uma aversão à escola, em particular às aulas monótonas, como seus depoimentos revelam.

Mas se entendermos por escola além do espaço das aulas, podemos afirmar, em acordo com o que nos disseram os jovens, que eles gostam da escola (dos amigos, da sociabilidade), porém não gostam das aulas como estas tem se desenvolvido, não gostam da forma como os professores ensinam. Foram muitos os depoimentos e expressões e comportamentos que evidenciam que as aulas são maçantes ou quase insuportáveis, além da falta de sentido, burlas, etc. Não quer dizer que não ocorra nenhuma aprendizagem, mas esta é, de modo geral, por processos mecânicos, formalizados, sem relação com a vida e o interesse juvenil. Esta forma de ensino afasta o jovem do conhecimento, implicando em posturas desinteressadas. Mas não podemos afirmar que de todo o jovem não quer aprender. Não foi um aspecto que aprofundamos, mas vimos jovens curiosos e interessados, cujas questões não são acolhidas na escola ou não encontram espaço para serem formuladas. O método da escola mata a curiosidade, questão já apontada por outros estudos. O método expositivo é um recurso eficiente, porém, quando usado de forma quase exclusiva, hierarquizada e sem buscar as relações com a vida concreta, torna pesado suportar a escola e aula, cuja lógica se repete indefinidamente.

A pesquisa constata um profundo distanciamento da escola em relação aos jovens. A escola não os ouve, não sabe de seus interesses, não se abre para ouvi-los, não constrói as regras e dinâmicas com estes. A escola impõe uma forma única, o falante, o conteúdo e a avaliação. E isto numa fase da vida favorável para abrir-se ao diferente, onde se deseja entender e ser entendido, onde é necessário falar, fase tão fértil para aprender e construir. Mas a escola vai como que matando estes aspectos saudáveis. O preço a pagar ou a consequência necessária ou ainda a contradição deste processo se expressa como desinteresse, como bagunça e como burla.

Entendemos o conhecimento como algo fascinante e ligado à vida. Os jovens têm interesse pelo mundo ao seu redor, mas a forma como o conhecimento se coloca na escola não se articula com a vida, com a realidade, é um conhecimento morto. Pensamos que é possível outra forma de organização do processo ensino aprendizagem, outras formas de apropriação do saber historicamente acumulado, que tornariam as crianças e jovens ansiosos pela ciência e pela cultura, que mudaria a relação que hoje vem construindo com o conhecimento, com o mundo e com a escola.

A pesquisa proporcionou um pequeno espaço para os jovens se manifestarem. O fato da pesquisadora ser um adulto fora do meio escolar, estrangeira, se apresentar como pesquisadora e assegurar aos jovens o sigilo das informações deixou-os à vontade para se expressarem. Os grupos focais revelaram o anseio dos jovens por falarem e serem ouvidos, mostra que eles têm muito a dizer, nos surpreendendo com sua

capacidade de elaboração em muitos momentos. Sob estes aspectos a escola os subestima. Nos grupos focais, como os depoimentos indicam, os jovens denunciaram a escola em muitas questões como a falta de democracia nas decisões e no uso da palavra, o confinamento em sala de aula, o conteudismo, o desrespeito com os estudantes, a existência de preconceitos e perseguições, etc. Os estudantes percebem, nas relações em que se encontram engendrados, conceitos complexos que a teoria educacional formula a partir destas mesmas relações.

A conclusão a que chegamos é de que a escola tal qual se encontra é expressão da sociedade burguesa, suas hierarquias e contradições, questões apontadas tanto pela teoria educacional crítica, quanto pelo depoimento dos jovens. A pesquisa indica que a escola precisa ser transformada radicalmente para estar em sintonia com a juventude e os desafios de viver em uma sociedade crescentemente complexa e contraditória. Mas o conjunto social igualmente precisa ser revolucionado pois, no limite, é este que modula o conteúdo, a forma e os sentidos que os sujeitos imprimem à escola. Os jovens demonstram querer aprender e se desenvolver, sobretudo quando o meio em que se insere os desafia nesta direção.

## Referências

- CATINI, C. R. **A Escola como forma social**: um estudo da forma escolar capitalista. Tese: Doutorado de Educação, USP, 2013.
- ENQUITA, M. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ENQUITA, M. **Trabalho, Escola e Ideologia**: Marx e a Crítica da Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FIGUEIRA, P. A. A educação de um ponto de vista histórico. **INTERMEIO** – Revista do Mestrado em Educação – UFMS. Campo Grande, v. 1, n. 1, 1985.
- FREITAS, L.C. Os empresários e a política educacional: como o proclamado direito à educação de qualidade é negado na prática pelos reformadores empresariais. In: **Germinal**: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 6, n. 1, p. 48-59, jun. 2014.
- FREITAS, L.C. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1085-1114, out.-dez., 2014a.
- KUENZER, A. **Da dualidade assumida dualidade negada**: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, p. 1153-1178, 2007.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 2000.
- PAULUS, P. **Uma outra forma de fazer a escola**. A voz do Operário da Ajuda. Tese: Doutorado em Sociologia da Educação. Universidade de Lisboa, 2013.
- PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- RUGIU, A. S. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SAVIANI, D. **Histórias das Idéias Pedagógicas no Brasil**, 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SHULGIN, V. **Rumo ao politécnico**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- VICENT, G., LAHIRE, B. e THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n.33, junho de 2001.

[1] Para Vincent, Lahire e Thin (2001), paradoxalmente, a escola parece pagar o preço pela generalização de sua forma de socialização, sendo alvo de inúmeros questionamentos. As respostas que se colocam para os limites da escola, entretanto, segundo ainda os autores, consistem continuamente na repetição da forma escolar, em mais escolarização. Destacamos duas críticas à formulação de Vincent, Lahire e Thin quanto à forma escolar. São elas: PAULUS (2013) e CATINI (2015). O primeiro sugere que a forma escolar não é invariável, estando na dependência de cada situação singular, ou seja, do modo como os atores a fazem. A segunda questiona a impermeabilidade do conceito de forma escolar às classes sociais.

[2] A conclusão do 3º ciclo em Portugal corresponde, no Brasil, à conclusão da Educação Fundamental.

[3] Nesta turma os estudantes são crianças, diferente das demais turmas e escolas pesquisadas. O fator idade dos estudantes repercute na relação destes com a escola, o que aqui não é desconsiderado, porém se liga também a outros fatores como a condição social dos alunos e a perspectiva pedagógica da escola.